

## UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A DIDÁTICA CRÍTICA NO BRASIL<sup>1</sup>

A CRITICAL LOOK AT CRITICAL DIDACTICS IN BRAZIL

UNA MIRADA CRÍTICA SOBRE LA DIDÁCTICA CRÍTICA EN BRASIL

Alexsandro Conceição<sup>1</sup> 0009-0002-4994-6844

Ivanildo Cajazeira<sup>2</sup> 0009-0001-6844-2011

<sup>1</sup>Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil; alexsandro.conceicao@ufba.br

<sup>2</sup>Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. ivanildocajazeira@ufba.br

### RESUMO

A Educação Brasileira pulsa no âmago de uma disputa ideológica, atravessada pela voragem mercadológica e pelo anseio de uma formação plena e emancipatória em que a Didática se afirma como um gesto político, enquanto disciplina e campo epistemológico insurgente. É nesse horizonte tensionado que a Coletânea “Didática Crítica no Brasil” ergue-se qual farol indispensável. A presente resenha permite uma imersão em cada uma das didáticas críticas: Didática para o Desenvolvimento Humano, Didática Desenvolvimental, Didática Histórico-crítica, Didática Crítica fundamentada na dialética materialista, Didática Crítica Intercultural e Decolonial, Didática Sensível, Didática Complexa e Transdisciplinar e a Didática Multidimensional Crítico-Emancipatória. A força matricial da Didática Crítica, em nosso país, reside em sua capacidade de sistematizar a pluralidade e oferecer um repertório teórico denso, apto a desafiar o tecnicismo e o neoliberalismo e afirmar a Escola Pública e a autonomia docente como projeto emancipatório.

**Palavras-chave:** educação brasileira; didática crítica no Brasil; projeto emancipatório.

### ABSTRACT

Brazilian education is at the heart of an ideological dispute, caught between the voracity of the market and the longing for a full and emancipatory education. Within this struggle, Didactics establishes itself as a political act, an insurgent discipline and epistemological field. It is in this tense landscape that the collection “Didática Crítica no Brasil” (Critical Didactics in Brazil) stands as an indispensable beacon. This review offers an immersion into each of the critical didactic approaches: Didactics for Human Development, Developmental Didactics, Historical-Critical Didactics, Critical Didactics based on Materialist Dialectics, Intercultural and Decolonial Critical Didactics, Sensitive Didactics, Complex and Transdisciplinary Didactics, and Multidimensional Critical-Emancipatory Didactics. The foundational strength of Critical Didactics in Brazil lies in its ability to systematize this plurality and offer a rich theoretical repertoire, capable of challenging both technicism and neoliberalism, while affirming public schooling and teacher autonomy as an emancipatory project.

**Keywords:** brazilian education; critical didactics in Brazil; emancipatory project.

<sup>1</sup> Esta resenha faz parte da Seção temática: Protagonismo da Didática na formação de professores: um estudo sobre a presença da Didática nos currículos dos cursos de licenciatura em Pedagogia em Universidades Federais brasileiras - organizado por Cristina d'Ávila e Selma Garrido Pimenta.

## RESUMEN

La Educación brasileña late en el corazón de una disputa ideológica, atravesada por la voracidad del mercado y el anhelo de una formación plena y emancipadora, donde la Didáctica se afirma como un gesto político, una disciplina y un campo epistemológico insurgente. Es en este horizonte de tensión que la colección “Didáctica Crítica en Brasil” se erige como un faro indispensable. Esta reseña permite una inmersión en cada una de las didácticas críticas: Didáctica para el Desarrollo Humano, Didáctica Desarrollista, Didáctica Histórico-crítica, Didáctica Crítica fundamentada en la dialéctica materialista, Didáctica Crítica Intercultural y Decolonial, Didáctica Sensible, Didáctica Compleja y Transdisciplinaria y Didáctica Multidimensional Crítico-Emancipadora. La fuerza matricial de la Didáctica Crítica en nuestro país reside en su capacidad para sistematizar la pluralidad y ofrecer un repertorio teórico denso, capaz de desafiar el tecnicismo y el neoliberalismo y de afirmar la Escuela Pública y la autonomía docente como un proyecto emancipador.

**Palabras clave:** educación brasileña; didáctica crítica en Brasil; proyecto emancipador.

Na Contemporaneidade, em que a Educação Brasileira pulsa no âmago de uma disputa ideológica, atravessada pela voragem mercadológica e pelo anseio de uma formação plena e emancipatória, a Didática afirma-se, em um gesto político enquanto disciplina e campo epistemológico insurgente. É nesse horizonte tensionado que a Coletânea “Didática Crítica no Brasil” (Longarezi; Garrido; Puentes, 2023), ergue-se qual farol indispensável. Concebida para nutrir cursos de licenciatura e pós-graduação, a Obra dirige-se a professores em preparo, educadores em exercício e pesquisadores, oferecendo um panorama robusto, plural e rigorosamente urdido das vertentes que edificam o pensamento didático crítico no País.

Argumentamos que “Didática Crítica no Brasil” é um manifesto em defesa da Escola Pública, entendida como plena oficina de liberdade. Para compreender a envergadura desta coletânea, é preciso percorrer, ainda que em lampejos, o Itinerário Histórico da Didática no Brasil. Sob a sombra longa da Ditadura Civil-militar (1964-1985), a Educação tornou-se refém de um instrumentalismo tecnicista, no qual se proclamava uma neutralidade científica a mascarar, no fundo, o ideal de eficiência produtivista, advinda dos espaços gestoriais. Nessa lógica, o professor era reduzido a mero aplicador de currículos engessados, enquanto a Didática resvalava para um repertório de técnicas descoladas das tensões políticas, sociais e econômicas imanentes à escola.

O ponto de virada emerge no alvorecer da redemocratização, entre o final dos anos 1970 e o início da década seguinte. A criação de cursos de pós-graduação, o surgimento da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPEd) e a mobilização intelectual de docentes urdiram um solo fértil para o desmonte daquele paradigma. Eventos-síntese, a exemplo do seminário “A Didática em Questão”, ocorrido na PUC, no Rio de Janeiro,

em 1982, converteram-se em marcos que abalaram a pretensa neutralidade pedagógica, expondo sua natureza política.

Nesse novo horizonte, múltiplas correntes críticas convergiram com intensidade inédita: a tradição marxista-gramsciana forneceu lentes para a leitura da escola como terreno de disputa hegemônica; a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt adensou e aprofundou o debate com as categorias de totalidade, mediação e *práxis*; o ressoar da voz intempestiva e polilógica de Paulo Freire, cuja denúncia da “Educação Bancária” instituiu um horizonte ético-político incontornável. Emerge, ainda, neste mar de reflexões, a Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani, arcabouço teórico que oferece um pensar rigoroso, radical e de conjunto para a transformação social.

A chaga exposta pela didática crítica e que a obra em discussão estilhaça com vigor, é a colonização neoliberal e seus tentáculos que, sob a máscara da eficiência e competência, sangra a educação contemporânea. Seu sintoma mais ruidoso atende pelo nome de “Praticismo”: o credo segundo o qual bastaria ao professor a repetição de gestos técnicos, despídos de teoria, desidratados de ideologia. A esse reducionismo somam-se a precarização do labor docente, a mercantilização do ensino e a tirania de currículos padronizados, escoltados por avaliações em larga escala destinadas a fiscalizar, normatizar e deslegitimar a criatividade pedagógica. A Didática Crítica, nesses termos, não se limita a prescrever modos de ensinar; ergue-se como projeto de resistência em salvaguarda da autonomia docente, da Escola Pública como bem comum e do horizonte de uma educação emancipatória, em que pensamento e ação se entrelaçam enquanto elementos para a reinvenção coletiva do mundo e de seus agenciamentos.

A nervura interna do livro expõe, em cada capítulo, uma vertente singular da Didática Crítica, iluminada por faróis que dialogam e contrastam entre si. No vestibulo conceitual, Selma Garrido Pimenta dispõe esse mosaico em “ondas críticas”, oferecendo-nos o fio de Ariadne que percorre todo o livro.

A Primeira Onda, do final dos anos 1970 ao início dos 1980, demarca uma ruptura inaugural com a didática instrumental. Em seguida, a obra de Vera Maria Candau estabelece o estandarte da “Didática Fundamental”: um momento a denunciar a falsa neutralidade do ato pedagógico, reintegrando a dimensão técnica à inseparável tessitura humano-político-social. A técnica, longe de ser abolida, dobra-se a um projeto de transformação e passa a pulsar no ritmo das contradições imanentes à prática social.

A Segunda Onda, entre os anos 1980 e 2000, inaugura o tempo do quase-silêncio em que em certos currículos, a Didática pareceu dispersar-se, como se pudesse ser suprida pela sociologia ou pela política educacional. Contra esse eclipse, ergueu-se a tarefa de ressignificar

o campo. Reafirma-se a especificidade do saber didático, porém reconstruída desde o cotidiano escolar: a prática docente é compreendida como *práxis* e a formação de professores ocupa o núcleo do debate. Amparada no Materialismo Histórico-dialético, esta “Onda” celebra a Escola Pública como arena de democratização, onde a apropriação do saber se torna ato de cidadania.

Assim, cada capítulo do volume ressoa como parte de uma música crítica que rompe, silencia e recomeça, sempre movida pela convicção de que ensinar é ato político, a inscrever o futuro na carne viva do presente. É a partir de 2001 que o livro concentra sua análise, detalhando o que Pimenta chama de “Terceira Onda”, um florescimento de múltiplas perspectivas críticas. A obra permite uma imersão inédita em cada uma delas.

A Didática para o Desenvolvimento Humano, de José Carlos Libâneo, concebe a escola na condição de mediadora entre o saber e a experiência discente. À luz de Vygotsky e Davydov, aprofunda-se no ensino desenvolvimental, no qual a “atividade de estudo” convoca o aluno a refazer a gênese do conceito científico, movendo-se do geral ao particular para forjar o pensamento teórico, oferecendo, com isso, um engenho psicológico-didático refinado, capaz de alargar as capacidades intelectivas superiores.

A Didática Desenvolvimental foca na formação do pensamento teórico-científico. Cunhada por Andréa Maturano Longarezi e Roberto Valdés Puentes, tal perspectiva é baseada em Davydov e tem no conteúdo do ensino as formas desenvolvidas de consciência social, além da constituição de capacidades para agir socialmente, tendo como método central a ascensão do pensamento abstrato ao pensamento concreto. Essa didática, por meio de abstrações e generalizações, compreende que a atividade de estudo se realiza em atividades que conduzem à apropriação de conceitos, conhecimentos teóricos e métodos de pensamento e ação.

A Didática Histórico-crítica, defendida por Lenilda Rêgo Albuquerque de Faria e Dermeval Saviani, também forjada no Materialismo Histórico-dialético, reivindica a centralidade do saber sistematizado para a subversão das relações sociais. Seu método, no ascender do abstrato ao concreto, parte da prática social do discente, atravessa a problematização e a instrumentalização, e culmina na catarse: o conhecimento, enfim, incorporado como força de transformação. Sua virtude reside na dissolução da dicotomia forma-conteúdo e na oferta de um roteiro para a emancipação; seu risco, na caricatura de seus “passos”, esvaziados da pulsação dialética.

A Didática Crítica Fundamentada na Dialética Materialista de Maria Rita Neto Sales Oliveira, utiliza a dialética materialista e o materialismo histórico para tratar a Didática Crítica na formação social brasileira capitalista. Compreende o ensino enquanto totalidade concreta, fruto de determinações múltiplas e que busca desvelar as contradições do ensino, relacionando-

o com às contradições do contexto social mais amplo. Defende um ensino comprometido com os interesses das camadas populares, na busca por transformações das teorias e das práticas escolares que conservam a dominação.

A Didática Crítica Intercultural e Decolonial, de Vera Maria Candau, desvela a monocultura eurocêntrica da escola ao distinguir diversidade (descritiva) de diferença (produção de poder). Propõe a interculturalidade como projeto político e, aliada ao horizonte decolonial, enfrenta a colonialidade do saber, do poder e do ser. Por meio de práticas como a ecologia de saberes e o “empoderamento” de sujeitos subalternizados, recoloca as questões étnico-raciais e culturais no âmago da Didática.

A Didática Sensível, de Cristina d’Ávila, rompe a clivagem razão/sensibilidade sob o influxo de Morin e Maffesoli. Ensaia uma coreografia didática em quatro movimentos: sensibilizar, metaforizar, problematizar pela experivivência e ressignificar em criação. Sustentada pela premissa de que “sentir é saber”, reintegrando, assim, corpo, emoção e cognição na humanização das experiências de aprender, na busca de romper com a razão instrumental moderna.

A Didática Complexa e Transdisciplinar, de Marilza Vanessa Rosa Suanno, inocula o pensamento de Edgar Morin no tecido didático para combater a fragmentação e religar saberes. Ao transcender as fronteiras disciplinares, a transdisciplinaridade permite ler os fenômenos em sua densidade planetária, almejando um humanismo regenerado, apto a enfrentar os desafios globais com um conhecimento pertinente e contextual.

A Didática Multidimensional Crítico-Emancipatória, de Selma Garrido Pimenta, conjuga multirreferencialidade (Ardoino), curiosidade epistemológica (Freire) e sentido do saber (Charlot) sob o arco do Materialismo Histórico-dialético. Reconhece o ensino como fenômeno complexo e opera com cinco eixos: ensino com pesquisa, diálogo crítico, mediação didática, rede de saberes e *práxis* docente. Tecida nesses fios, oferece um arcabouço robusto para uma ação pedagógica consciente, crítica e libertadora, compondo um mosaico para a docência comprometida com a emancipação humana.

A força matricial de “Didática Crítica no Brasil”, portanto, reside em sua capacidade de sistematizar a pluralidade. Ao reunir, em um único volume, os fundamentos das principais vertentes críticas, a obra desfaz qualquer pretensão de homogeneidade e expõe um campo vivo, polifônico, em permanente tensão. O livro transcende a prescrição metodológica ao oferecer um repertório teórico denso, apto a desafiar o tecnicismo e o neoliberalismo a corroer a formação docente. Para a formação, funciona como antídoto ao Praticismo empobrecido; para

a pesquisa, um verdadeiro estudo de revisão, a mapear correntes, abrir veredas e convocar à crítica dos caminhos apresentados.

Entre os méritos mais evidentes, destacam-se: a amplitude do espectro teórico, da tradição marxista às perspectivas interculturais, decoloniais, sensíveis e complexas; o rigor analítico de seus autores; e a clareza argumentativa, mesmo diante da sofisticação conceitual. O livro afirma, com potência política, a Didática Crítica como campo de resistência às políticas neoliberais, recolocando a Escola Pública e a autonomia docente no centro do projeto emancipatório.

As limitações, contudo, não são negligenciáveis. Há uma tensão entre o público declarado (licenciandos) e a densidade teórica de certos capítulos, o que pode restringir sua acessibilidade. Observa-se, ainda, um hiato entre teoria e empiria: carece de estudos de caso extensos e de narrativas situadas, a mostrar, no chão da escola, a materialidade dessas didáticas. Paire, ademais, o risco de fragmentação, pois as abordagens, apresentadas em capítulos estanques, podem sugerir campos isolados quando, na verdade, pedem pontes e sínteses recíprocas. Por fim, embora temas candentes como as tecnologias digitais e as investidas ultraconservadoras apareçam, sua transversalização sistemática teria adensado ainda mais o debate.

A “Didática Crítica no Brasil” é um divisor de águas: cartografa, consolida e arma teoricamente o campo, celebrando a vitalidade do Pensamento Educacional Brasileiro e afirmando sua vocação política. Sua grandeza reside em sintetizar a pluralidade sem aplaná-la, oferecendo ao leitor não um receituário, mas um arsenal para a resistência. Suas lacunas, longe de diminuir seu valor, apontam o próximo movimento histórico: transformar o mapa em travessia. Urge, agora, investigar, documentar e disseminar práticas concretas a fazer vibrar, na sala de aula, a potência dessas arquiteturas teóricas, do planejamento à invenção de ambientes sensíveis de aprendizagem. Eis o chamado: fazer da teoria um corpo vivo, capaz de emancipar estudantes e professores, convertendo cada escola pública em território de criação, crítica e liberdade. Porque, agora que temos o atlas, cumpre-nos abrir a senda. E caminhar.

## Referência

LONGAREZI, Andréa Maturano; PIMENTA, Selma Garrido; PUENTES, Roberto Valdés (org.). **Didática Crítica no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2023.

## SOBRE OS AUTORES:

**Alexsandro Conceição**. Doutorando em Educação (UFBA). Coordenador pedagógico (Rede Municipal de Educação de Salvador). Membro do GEPEL/UFBA e do CER/URCA.

Contribuição de autoria: autor.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8161890155537881>

**Ivanildo Cajazeira.** Doutor em Filosofia (EFU/USA). Doutorando em Educação (UFBA). Docente da Universidade Nova da Guiné (Guiné-Bissau). Membro do GEPEL/UFBA e do CER/URCA.

Contribuição de autoria: autor.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1733498412159016>

### **Como referenciar**

CONCEIÇÃO, Alexsandro; CAJAZEIRA, Ivanildo. Um olhar crítico sobre a didática crítica no Brasil. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, e17584, 2025.

DOI: 10.22481/praxisedu.v21i52.17584